



AS REPRESENTAÇÕES DA REPÚBLICA VELHA NA LITERATURA BRASILEIRA E NA LITERATURA DE CORDEL

Fábio Ricardo Silva¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo promover uma reflexão sobre a importância da Literatura de Cordel que é instrumento hábil a ser utilizado como recurso interdisciplinar no ensino de História devido ao seu valor de fonte documental histórica. Dentro dessa perspectiva, objetivamos entender as permanências e as rupturas do evento histórico da República Velha a partir da análise, e posteriormente o cotejo, do que foi produzido tanto pela Literatura dita erudita, como da Literatura “popular” dessa época. Para tal, utilizaremos a corrente historiográfica da Nova História Cultural, apropriando-nos principalmente no conceito de representação idealizado pelo historiador francês Roger Chartier. Em suma, entendemos que o cordel é um documento histórico que tem muito a contribuir para a historiografia, porque é testemunha das questões políticas, sociais, religiosas, cotidianas e culturais.

Palavras-Chave: Primeira República. Literatura. Folhetos de Cordel.

ABSTRACT

This work has the objective of promote a reflection about the importance of the “Literatura de Cordel” (a popular gender of Brazilian literature) as a resource in the teaching of interdisciplinary history, but also the value of historical documentary sources. Within this perspective, we aim to understand the continuities and ruptures of the historical event of the Brazilian historical period called Old Republic from the analysis, and then the collation of what was produced both by the, so said, scholarly literature, as for "popular" literature this time. For this purpose, we use the current historiography of the New Cultural History, appropriating the concept of representation mainly designed by the French historian Roger Chartier. In short, we understand that the “Cordel” is a historical document that has much to contribute to the historiography, because it is witness to the political, social, religious, cultural and everyday.

Keywords: First Republic. Literature. Brochures of Cordel.

1. INTRODUÇÃO

O evento da República Brasileira sofreu grandes influências relativas às transformações ocorridas no mundo e que cruzaram o além-mar, dentre as principais

¹ Primeiro Autor é graduando do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista PIBIC/CNPq/UFRPE. E-mail: fabioricardosilva@gmail.com
Aluno orientado pela Professora Doutora Maria Ângela de Faria Grillo, Adjunta do Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: jagrillo@msn.com

mudanças podemos citar a Revolução Industrial, onde sua maior necessidade era a obtenção de mão-de-obra consumidora para os seus produtos.

Atrelado à referida Revolução, podemos considerar a extinção do tráfico negreiro em 1850, que direcionou o capital investidor para outras atividades econômicas. Este capital, antes empregado no comércio de escravos passou a financiar atividades que levaram o Brasil para um processo de transformação social e econômica.

Dentro das mudanças sociais que antecederam a Proclamação e permearam a República podemos destacar como mudanças fundamentais o crescimento demográfico, decorrente do fim do tráfico negreiro, segundo José M. de Carvalho:

A abolição lançou o restante da mão-de-obra escrava no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente de subempregado e desempregado. Além disso, provocou um êxodo para a cidade proveniente da região cafeeira da cidade do Rio e um aumento na imigração estrangeira, especialmente de portugueses. (CARVALHO. 2000: 16)

Outro fator relevante foi o aumento exponencial das indústrias, em especial a têxtil. Na área dos transportes, a construção de ferrovias facilitou o escoamento das mercadorias, sendo as ferrovias utilizadas para o transporte público, houve ainda a introdução do barco a vapor. Mais um fator a ser destacado é o surgimento de novas técnicas no processo de produção do açúcar e do café.

Todos esses acontecimentos foram essenciais para alavancar o Brasil a um patamar de industrialização. Entretanto, o Estado imperial vigente não conseguiu acompanhar as mudanças, tornando-se obsoleto, não mais correspondendo aos interesses das elites agrárias que imbuídas dos ideais revolucionários franceses bem como dos ideais liberais americanos dão início a uma nova forma de governo, o Republicano.

Murilo de Carvalho vai dizer que as idéias revolucionárias foram assimiladas conforme as necessidades e os quereres dos republicanos, na maioria das vezes elas se misturavam, e dessas misturas surgiam “novas ideologias”, a seguir esclarece o autor:

O início da República foi uma época caracterizada por grande movimentação de idéias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram idéias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial e seletivo, resultando em grande confusão ideológica. Liberalismo, Positivismo, Socialismo, Anarquismo, misturavam-se e combinavam-se das maneiras mais esdrúxulas na boca e na pena das pessoas mais inesperadas. (CARVALHO. 2005: 42)

A *res publica*, ou seja, “coisa publica” trazia consigo a idéia de iniciativa popular, o povo participando ativamente das decisões políticas, como ocorreu na Revolução Gloriosa de 1789, entretanto, tal participação foi decadente desde o início desse período. Houve varias repressões e perseguições aos intelectuais militantes, frustrações dos operários que tentavam



se articular em partidos para participar dos processos eleitorais, em suma, todos esses grupos tiveram que encontrar uma nova maneira de se inserir no sistema republicano.

A República durou, exatamente, quarenta e um anos, e teve dois importantes momentos. Podemos classificar o primeiro como República da Espada ou (República Militar – 1889-1894) cujo os principais protagonistas foram os Militares Manoel Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Vieira Peixoto (1891-1894).

O Segundo (1894-1930) pode ser chamado de República Oligárquica (ou café-com-leite), neste outro instante republicano, onze presidentes civis se alternaram no poder, todos eles fazendeiros paulistas e mineiros, foram eles: Prudente José de Moraes Barros (1894-1898); Manuel Ferraz de Campo Sales (1898-1902); Francisco de Paulo Rodrigues Alves (1902-1906); Afonso Augusto Moreira Pena (1906-1909); Nilo Procópio Peçanha (1909-1910); Hermes Rodrigues da Fonseca (1910-1914); Venceslau Brás Pereira Gomes (1914-1918); Delfim Moreira da Costa Ribeiro (1918-1919); Epitácio da Silva Pessoa (1919-1922); Artur da Silva Bernardes (1922-1926) e Washington Luís Pereira de Sousa (1926).

O período republicano Brasileiro foi marcado por manobras políticas da oligarquia local, forjando no povo um imaginário republicano, levando esse a acreditar que a República traria um sentimento de pertencimento, como também a idéia de cidadania, esta atrelada a participação social e política no Estado Republicano. Entretanto, esse momento histórico foi marcado por insatisfações e inúmeras revoltas sociais, tais como: A Guerra de Canudos, O Cangaço, A Guerra do Contestado, A Revolta Contra a Vacina Obrigatória, A revolta das Chibatas e as Revoltas Tenentistas.

Dentro dessa perspectiva histórica iremos promover uma análise, bem como o cotejo entre a produção literária da época e da literatura de cordel para compreender-se como esses sujeitos históricos e essas fontes específicas visualizavam e interpretavam em suas obras, os acontecimentos de seu tempo.

2. DISCUSSÃO E METODOLOGIA

Um dos grandes objetivos dessa pesquisa é compreender o evento histórico da República Velha, quem foram seus personagens e como eles a representaram, todavia iremos nos deter apenas aos sujeitos literários desse período, sendo eles “eruditos” e “populares” para



que assim possamos compreender o pensamento político, social e cultural do período supracitado.

Através desses poetas, “populares” e “eruditos” discutiremos sobre as diversas formas de representações, da República a luz de suas obras. Como os grandes conflitos, o cotidiano e as calamidades eram captados, assimilados e recodificados por esses poetas ao seu público, de forma que houvesse compreensão e interação de ambos.

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores. (CHARTIER. 2002: 70)

Utilizaremos a corrente historiográfica da Nova História Cultural como método, todavia ela oferece-nos a possibilidade de pesquisarmos e escrevermos no plural, assim como de transitarmos e nos apropriarmos de outras disciplinas, como a literatura.

De acordo com Chartier, o entrelace entre literatura e história deve ser evidenciado, posto que a literatura enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos, para o referido autor:

É necessário compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal. Devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito. (CHARTIER. 1999: 197)

Questão importante também a ser destacada é que a História atualmente é escrita no presente e para o presente. Ao analisar um texto literário escrito no período da República Velha devemos-nos “transportar” por completo aos acontecimentos vivenciados àquela época.

Nesse sentido, pretendemos trazer tanto para o universo escolar, quanto para o campo da pesquisa historiográfica a interdisciplinaridade entre história, literatura e os folhetos de cordel.

Entrementes, analisaremos a historiografia, a literatura dita “erudita” e a literatura de cordel conceituada como “popular”, produzida no evento histórico da República Velha.

Analisaremos essas fontes e as confrontaremos, objetivando um cotejo entre os sujeitos históricos e a forma como eles representaram este período em suas obras. Procuraremos, assim, perceber os pontos de aproximação e distanciamento entre essas áreas de produção do conhecimento.

3. UMA BREVE HISTÓRIA DO CORDEL NO BRASIL

A literatura de cordel chega ao Brasil através dos Portugueses no século XVIII, recebeu esse nome porque os folhetos ficavam pendurados a um cordão, sendo comercializados de forma exposta nas ruas, conhecidos em Portugal como “folhas volantes” ou “folhas soltas” ganharam espaço e expressão nos estados do Nordeste Brasileiro.

O cordel a princípio vem de tradição oral, visto que grande parte da população não sabia ler, os poetas cordelistas decoravam os versos, e os recitavam nas feiras e praças, quase sempre acompanhados ao som da viola. Paulatinamente esse gênero poético ganhou forma, vindo a tornar-se literatura escrita.

A literatura de cordel também conhecida como literatura “popular” tinha (continua tendo) caráter jornalístico, levando aos lugares mais longínquos as notícias do seu tempo. Com muito humor e gracejo esses poetas cordelistas narravam os acontecimentos históricos de seu país através de versos.

Muitos eram os temas abordados pelos cantadores, alguns deles inspirados no imaginário medieval dos cavaleiros, outros voltados para as questões sociais como economia, política, religião e conflitos sociais, fatos da vida cotidiana e romances também faziam parte da narrativa do cordel, além de temas sobrenaturais, como por exemplo, “A Chegada de Lampião ao Inferno do poeta João Martins de Athayde”.

O vigia foi e disse
a satanás no salão:
saiba a vossa senhoria
que ai chegou lampião
dizendo que quer entrar
e eu vim lhe perguntar
se dou-lhe ingresso ou não

- Não senhor! Satanás disse
vá dizer que vá embora
só me chega gente ruim
eu ando muito caipora
eu já estou com vontade
de botar mais da metade
dos que tem aqui pra fora

Neste cordel o poeta vai dizer que mesmo depois de morto, o rei do Cangaço, como era conhecido Lampião por chefiar um dos bandos mais temidos do sertão nordestino até meados de 1940, continuava a aterrorizar. Só que desta vez o cenário não era mais o cangaço, e sim o inferno.

4. A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NA SALA DE AULA

A historiografia brasileira do século XIX narrou seus acontecimentos de forma factual, os grandes fatos, apenas eles tinham o direito de ser lembrados e contados. Durante muito tempo a nossa historiografia foi um ofício da elite, e essa nos impôs a um ostracismo intelectual, trazendo a tona apenas o que era de interesse de seu grupo social, nos fazendo esquecer sujeitos que somaram em conhecimento nos processos de evolução das sociedades no tempo.

O historiador do século XX era, regra geral, um homem da elite, não apenas no aspecto da origem social, mas também da sua pertença a instituições controladas pelos grupos dominantes, por cargos na magistratura, no governo ou no magistério superior. Recrutado para ocupar tais posições, tinha a missão de garantir a solidez das instituições e perpetuar o mundo cultural das elites. (Antônio Celso Ferreira. ANPUH. 2008).

Essa mesma historiografia dizia que apenas os documentos oficiais podem ser considerados como fonte histórica, todavia, “os historiadores da atualidade dizem que fonte histórica é mais do que o documento oficial: que os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da história.” (VANDERLEI, 2006: 158)

Partindo dessa perspectiva, é possível compreender a importância da literatura de cordel como fonte histórica, memória e registro. Esses poetas, considerados como cronistas de seu tempo tinham uma importante função jornalística, além disso, o povo sentia-se representado por esses cantadores que expressavam a cosmovisão das massas na linguagem do povo.

A partir desse olhar, percebemos o grande valor da literatura de cordel como vestígio histórico, tomando como mote tal importância, pode-se promover um cotejo entre a literatura dita “erudita” produzida por poetas acadêmicos e a literatura de cordel, escrita na maioria das vezes por pessoas alheias ao mundo das letras. Os folhetos de cordel foram (são) tidos como popular, contudo, esse gênero literário pode ser chamado assim se for analisado em termos de produção e disseminação, pois, já é mais que provado a sua importância histórica.

Unindo a importância da literatura brasileira “erudita” e a literatura de “cordel” podemos trazer para o ensino de História e Literatura novos caminhos e alternativas para o aprimoramento da utilização dos folhetos de cordel em sala de aula.



Para uma melhor visualização e entendimento sobre o tema, iremos expor o contexto da obra Os Sertões de Euclides da Cunha como também a uma breve síntese da obra Vidas Secas de Graciliano Ramos, promovendo um cotejo entre ambas as obras e o cordel a seu tempo, qual seja, República Velha.

A obra os Sertões de Euclides da Cunha nos traz um relato completo da campanha de Canudos, luta sangrenta que dizimou uma cidade inteira em sua quarta expedição. A obra esta dividida em três partes, A Terra, O Homem e A Luta e versa sobre as condições de vida do sertanejo como também sobre o fanatismo religioso de Antônio Conselheiro, ícone desse evento.

Sem ter como arrancar força
pra esboçar reação
restava a inteligência
pra ser posta em ação
fiel canalizadora
da mais pura inspiração

Esta ditou a Antônio
que transmitisse aos demais
como lutar nas caatingas
com táticas especiais
confundindo-se, imóveis
com os próprios vegetais

Mas Antônio e seus jagunços
não tinham como ter sorte
sendo o rico contra o pobre,
sendo o fraco contra o forte
houve derrota implacável
e fragorosa do norte

No grande massacre a honra
da nação ficou ferida,
irmão dizimando irmão
na batalha fratricida
sem amor e sem nenhuma
consideração à vida

O fragmento acima é de Gonçalo Ferreira da Silva, poeta da segunda geração que se inicia nos anos de 1930. Esse cordel se chama Antônio Conselheiro: África de um Sertanejo Místico, e assim como a obra de Euclides, narra o massacre de Canudos com riquezas de detalhes, entretanto mesmo repleto de cantoria, humor e gracejo em sua escrita o poeta não abandona a verdade histórica.



A outra obra que nos comprometemos a analisar foi o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, que conta a história de uma família de retirantes. Os personagens principais são Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cadela baleia. O drama se passa no sertão nordestino, e expõe as dificuldades que o sertanejo encontra para tentar fugir das calamidades de sua terra.

E lá vai de estrada a fora
o velho com um matulão,
um chapéu velho de couro
uma calça de algodão
com uma enxada no ombro,
dizendo adeus ao sertão.

Já não tem mais força,
vista muito menos,
dez filhos pequenos
quinze filhas moças
faltando-lhe as ouças
além de não ver
ao ponto de ter
três filhos mamando
quatro se arrastando,
cinco por nascer.

Diz o velho: minhas filhas
não era do meu desejo,
eu ir degredar vocês
nas terras dos caranguejos
o sul presta pra tudo,
menos para sertanejos.

O fragmento do cordel acima também é de um poeta da segunda geração. O Sertanejo, de João Martins de Athayde narra o mesmo conflito que vivencia Fabiano e sua família na obra de Ramos, o folheto de Athayde vai tratar com a mesma veracidade temas como a fuga do homem do sertão para a capital, as dificuldades encontradas no caminho e na chegada como também o preconceito sofrido por esses personagens pelo fato de serem sertanejos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos concluir que através do humor e do gracejo os folhetos de cordel revelam-se instrumentos hábeis para o Ensino da História bem como da Literatura, pois, os poetas cordelistas abordam com muita propriedade os fatos históricos, e por meio de





suas características folclóricas, esse gênero poético expõe em suas cantorias os conflitos vividos na República com a mesma complexidade que os literários acadêmicos. Por isso, a cosmovisão do cordel representa de forma singular o Nordeste brasileiro com seus heróis e vilões do evento supracitado.

É a partir dessa perspectiva que vislumbramos a sala de aula como terreno fértil para repousar a literatura de cordel, esta, podendo ser utilizada como recurso didático no ensino de Literatura e História, proporcionando interdisciplinaridade ao aluno ao mesmo tempo em que lhe oferece uma nova ferramenta de cognição.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas: o imaginário da República do Brasil. 7ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CURRAN, Mark. História do Brasil em Cordel. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CHARTIER, Roger. A beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes. 1ª edição. Porto alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. Topoi, nº 1, pp. 197-216. Rio de Janeiro, 1999.

Endereço eletrônico: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/> Dia 11/11/11 às 15:33h

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Editora Record. 100ª edição, 2006.

CUNHA, Euclides. Os Sertões (I). São Paulo. Editora Três, 1973.

